

Justyna Haftka

Escola de Doutoramento em Ciências Humanas

Universidade Jaguelónica de Cracóvia

ORCID: 0000-0001-8735-1505

justyna.haftka@doctoral.uj.edu.pl

Encontro de polacos com Portugal à sombra da Segunda Guerra Mundial¹

Meeting of Poles with Portugal in the shadow of World War II

Resumo: O presente trabalho versa sobre o encontro inesperado de milhares de polacos com Portugal, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, analisado num breve panorama das relações entre ambos os países durante o período entre guerras. Nos anos 1939-1945, em Portugal, país oficialmente neutro, cruzaram-se em diversas circunstâncias os caminhos de pessoas que chegaram ali na qualidade de refugiados temporais. Por causa da localização, Lisboa tornou-se para muitos um porto de abrigo no percurso, nomeadamente para os Estados Unidos da América, Grã-Bretanha e o Brasil. Entre eles encontravam-se pessoas provenientes da Polónia, ocupada por um lado pelo Terceiro Reich e por outro pela União Soviética. Nesse grupo estavam refugiados civis, que fugiam às repressões e queriam atravessar o Oceano Atlântico, militares, diplomatas, emissários e representantes do movimento de resistência, que pretendiam unir-se às organizações polacas e aliadas no exílio. Para alguns deles foi o primeiro contacto direto com Portugal e também para muitos portugueses foi o primeiro contacto com os polacos.

Palavras-chave: Polónia, Portugal, refugiados, Segunda Guerra Mundial, Lisboa.

Abstract: The present essay is devoted to Portugal's sudden encounter with thousands of Poles during World War II, analyzed in a brief overview of the relations between both countries during the interwar period. In 1939–1945, Portugal was officially a neutral country, and the paths of many temporary refugees crossed there under various circumstances. Due to its location, Lisbon became their asylum and transit point, mainly on the way to the United States of America, Great Britain and Brazil. Among them were people who left Poland (occupied by the Third Reich and by the Soviet Union): civilian refugees, escaping from repressions and who wanted to cross the Atlantic Ocean, members of the military, diplomats, emissaries

¹ Segundo Premio Iberoamericano de Ensaio na Polónia: “Polónia e Iberoamérica: Imagens cruzadas”. Ano 2019.

and representatives of the underground resistance movement, whose aim was to join Polish and Allied organizations in exile. For some of them, it was their first direct contact with Portugal and, also, for many Portuguese, it was their first contact with Poles.

Keywords: Poland, Portugal, refugees, World War II, Lisbon.

1. Esboço das relações entre a Polónia e Portugal antes da Segunda Guerra Mundial

Até aos primórdios do século XX, as relações entre os dois países eram ocasionais, mas dignas de atenção. Apesar de serem bastante afastados geograficamente e localizados nos dois extremos da Europa, de certo modo encontravam-se unidos pelo mar. No século XV, começaram a expandir as relações comerciais da Polónia com outros países, também com Portugal. As mercadorias eram transportadas sobretudo através do porto da cidade de Gdańsk, situado estrategicamente entre o oeste e o leste da Europa, na foz do rio Vístula. Da Polónia exportava-se nomeadamente madeira, cobre, trigo, linho e peles; do porto de Lisboa, por sua vez, importava-se sobretudo produtos coloniais, especiarias, sal, peixe, fruta e vinho². No âmbito cultural, vale a pena mencionar as visitas de humanistas e diplomatas provenientes de ambos os países na época do renascimento: Jan Dantyszek visitou Portugal em 1522 e nos anos 1529-1531 Damião de Góis viajou para a Polónia.

Durante o romanticismo, em 1863, chegaram a Portugal os ecos de Levantamento de Janeiro que foi descrito pela imprensa portuguesa e provocou manifestações de apoio, sobretudo dos estudantes de Coimbra. Aqueles acontecimentos foram ainda abordados pelos poetas portugueses, nomeadamente por Antero de Quental, inscrevendo-se nas tendências românticas da época³. Por outro lado, no mesmo período na Polónia, era conhecida a figura de Luís Vaz de Camões, cuja obra-prima *Lusíadas* fora traduzida para a língua polaca e publicada em 1790⁴. Outra obra significativa do ponto de vista das relações literárias luso-polacas foi romance histórico *Don Sébastien de Portugal* de Aleksander Przedziecki⁵. Subordinada ao final de reinado de D. Sebastião, essa obra oferecia, de uma maneira implícita, o paralelo entre a perda de independência de Portugal no período 1580-1640, após a morte do monarca, com as partilhas da Polónia no século XVIII. As descrições de viagens a Portugal

² *Port Gdański*, Gdańsk 1929, pp. 5-6.

³ M. Danilewicz Zielińska, W. Paźniewski, *Fado o moim życiu. Rozmowy z Włodzimierzem Paźniewskim*, Toruń 2000, p. 65.

⁴ L. de Camões, *Luzyada Kamoensa Czyli: Odkrycie Indyy Wschodnich: Poema w Pieśniach Dziesięciu/Przekładania Jacka Przybylskiego*, Kraków 1790.

⁵ A. Przedziecki, *Don Sébastien de Portugal. Drame historique en prose en trois actes et cinq tableaux*, Saint-Petersbourg 1836.

contribuíram para a criação da imagem mítica de Portugal, nomeadamente da cidade de Lisboa, na literatura e cultura polaca⁶. Entre eles, sublinhe-se as cartas de Adolf Pawiński, participante no congresso internacional antropológico ocorrido em Lisboa, publicadas sob a forma do livro, em 1881⁷. Por outro lado, destacam-se as publicações do coronel Henrique de Campos Ferreira Lima dedicadas aos episódios históricos e literários das relações entre polacos e portugueses⁸. Poder-se-ia multiplicar os exemplos deste tipo; a temática mobilizou Maria Danilewicz Zielińska, escritora e bibliotecária, cujos ensaios pormenorizados, inspirados nos trabalhos de Adam Zieliński sobre as relações luso-polacas, foram publicados em 2005, já após a sua morte⁹.

Em 1922, ambos os países estabeleceram relações diplomáticas oficiais de natureza bilateral, consubstanciadas no estabelecimento de legações. O primeiro diplomata português, Vasco de Quevedo, ao chegar à Polónia, descreveu-a como um país em renascimento após mais de cem anos de ocupação; em fase da reconstrução e simultaneamente obrigado a lidar com a ameaça constante da invasão do leste e oeste. Observava igualmente as possibilidades de comércio entre a Polónia e Portugal, os recursos naturais existentes e o potencial industrial e económico a desenvolver a prazo médio e longo¹⁰. A necessidade de expandir as trocas comerciais entre os dois países era sublinhada também por Jan Perłowski, o enviado polaco em Portugal nos anos 1927-1935. Outro representante de Portugal na Polónia, a partir de 1933, foi César de Sousa Mendes (irmão gémeo de Aristides). Ele ambientou-se muito bem naquele país e descreveu os polacos como um povo estranho: por um lado, herdeiro da cultura ocidental e, por outro, um povo que não podia negar o espírito eslavo. Segundo observava, esta mistura podia ser fonte de desentendimentos, ou conflitos internos¹¹.

Casualmente, em Maio de 1926, ambos os países foram palco de golpes de estado: na Polónia levado a cabo por Józef Piłsudski e em Portugal, duas semanas mais tarde, por militares portugueses. Em 1931, entrava em vigor a convenção do comércio e navegação, assinada entre a Polónia e Portugal dois anos antes¹². Nos anos 30, surgiram também tentativas de enviar colonos polacos para os territórios ultramarinos portugueses, nomeadamente para Angola, mas não se concretizaram¹³. Em 1930, teve lugar a Conferência Marítima

⁶ M. Bąk, L. Romaniszyn-Ziomek, „Gdzie ziemia się kończy, a morze zaczyna”. *Szkice polsko-portugalskie*, Katowice 2016, p. 10.

⁷ A. Pawiński, *Portugalia. Listy z podróży*, Warszawa 1881.

⁸ H. de Campos Ferreira Lima, *Relações entre Portugal e a Polónia*, Vila Nova de Famalicão 1934.

⁹ M. Danilewicz Zielińska, *Polonica portugalskie*, Warszawa 2005.

¹⁰ A. Grzybowski, współpr. J. Tebinka, *Na wolność przez Lizbonę. Ostatnie okręty polskich nadziei*, Warszawa 2018, p. 41.

¹¹ *Ibidem*, p. 45.

¹² *Ibidem*, p. 20.

¹³ *Ibidem*, pp. 18-23.

Internacional em Lisboa, na qual participaram membros da Marinha polaca¹⁴: será de enfatizar neste ponto as relações de ambos os países com o mar. Após a recuperação da independência, a construção do porto em Gdynia, iniciada em 1921, assumia uma dimensão particularmente significativa para a Polónia. Desse porto partiam transatlânticos, cuja primeira paragem era frequentemente Lisboa. O primeiro deles foi o cruzeiro *Polonia*, com lotação superior a duzentos passageiros. A viagem e a escala em Portugal continental foram descritas pelo jornalista Leszek Gustowski que reparou em várias particularidades do país: o contraste entre a tradição cultural e o analfabetismo na sociedade portuguesa da época; a pobreza evidente; a ascendência prevalecente de ingleses e alemães nas estruturas comerciais nacionais e a profusão de azulejos nas casas humildes e arrumadas com encanto. Observou que, nas ruas da cidade, praticamente não se via mulheres (exceto nalguns mercados), enquanto os homens costumavam demorar-se nos cafés. Por outro lado, em Lisboa notava-se a presença dos judeus polacos, dedicados sobretudo a costura¹⁵.

Outro transatlântico de construção recente que, em 1936, partiu de Gdynia e cuja primeira aportada era Lisboa foi *Batory*, com 600 pessoas a bordo. Uma delas, tradutora e escritora Maria Wisłowska, retratava a capital portuguesa como cidade limpa, espaçosa e bem planeada, com perfume de café; descreveu também a Basílica do Palácio de Mafra, da qual gostou especialmente¹⁶. Por sua vez, um dos funcionários polacos admitiu apreciar particularmente a amabilidade dos portugueses, demonstrada pelo facto de as pessoas se dirigirem aos hóspedes pela fórmula “senhor estrangeiro”¹⁷.

Nos anos 1928 e 1929, dois pilotos polacos tentaram ser pioneiros na travessia aérea do Oceano Atlântico, partindo da França. Na primeira tentativa, foram forçados a amarar; na segunda, o avião despenhou-se na ilha Graciosa (Açores). Nesse desastre faleceu o major Ludwik Idzikowski. Os seus restos mortais foram trasladados para o porto de Gdynia a bordo do veleiro-escola *ORP Iskra*, que navegava com destino a Portugal, Madeira e Lisboa respetivamente, em deslocações de formação¹⁸. Outra iniciativa, desta vez com um final feliz, consistiu na volta ao mundo por mar, com escala em Portugal, no veleiro *Zjawa* realizada por Władysław Wagner (primeiro polaco a circum-navegar o mundo numa embarcação desse tipo) e Rudolf Korniewski (que teve de parar a viagem no Brasil), nos anos 1932-1939¹⁹.

¹⁴ *Ibidem*, p. 24.

¹⁵ *Ibidem*, p. 25.

¹⁶ *Ibidem*, p. 31.

¹⁷ J.S. Ciechanowski, *Portugalia, dziękujemy! Polscy uchodźcy cywilni i wojskowi na zachodnim krańcu Europy w latach 1940–1945 / Portugal, obrigado! Os refugiados polacos, civis e militares, nos confins da Europa Ocidental nos anos de 1940-1945 / Thank You, Portugal! Polish civilian and military refugees at the western extremity of Europe in the years 1940-1945*, Warszawa 2015, p. 30.

¹⁸ *Ibidem*, pp. 80-95.

¹⁹ *Ibidem*, p. 130.

Em 1930, o marechal Józef Piłsudski deslocou-se à Madeira a bordo do paquete *Angola*, por motivos de saúde, local onde permaneceu durante três meses. Devia apreciar essa estadia porque após regressar à Polónia, a bordo do contratorpedeiro *ORP Wicher* (bombardeado pelos alemães nos primeiros dias da Segunda Guerra Mundial), aludindo a Portugal constatava que “feliz é este país cuja Sibéria é a Madeira”²⁰. Também César de Sousa Mendes, no início das funções na Polónia, visitou as novas estruturas portuárias de Gdynia, local de onde, a bordo do cruzeiro *Kościuszko*, viajou para a Madeira²¹.

Entre outros tópicos alusivos às relações luso-polacas no período de entre guerras, sublinhe-se a fundação em Lisboa da Câmara de Comércio Polaca e, na Polónia, em 1930, a criação da Associação Polaco-Portuguesa, uma ideia de cônsul honorário de Portugal Klemens Skalski²². Por iniciativa de alguns intelectuais portugueses, nomeadamente de Henrique de Campos Ferreira Lima, realizou-se a Exposição Bibliográfica e Iconográfica Luso-Polaca na Associação Comercial de Lisboa, em 1938, subordinada à história das relações entre os dois países²³. Dessa iniciativa cultural resultaria a publicação de um catálogo sobre o tema²⁴. Nas vésperas da guerra, Bohdan Łączkowski²⁵ lançava uma obra caracterizada pela observação perspicaz da vida social e política em Portugal naquele tempo, cujo título apelidava esse país profeticamente “a porta ocidental do mundo”. No entanto, ninguém esperava então que os trajetos de muitos polacos e portugueses cedo se cruzariam de novo, desta vez nas circunstâncias trágicas.

2. Lisboa nos anos 1939-1945: uma paragem entre a Europa em guerra e o “mundo livre”

Logo nos primeiros dias da guerra, Portugal foi procurado por refugiados de países atacados pelo Terceiro Reich e pela União Soviética. Na fase inicial, chegaram os judeus, para quem a decisão sobre a emigração era muitas vezes a questão de fugir ou morrer. Após a queda da França, ocorrida em Junho de 1940, daquele país vinham, para além dos franceses, indivíduos provenientes da Polónia, Bélgica e Países Baixos, em perigo por múltiplas razões: membros da resistência, aristocratas (incluindo membros de famílias monárquicas) ou pessoas ligadas com o mundo de arte, ciência e cultura. No artigo da revista *Life* de 1941, Lisboa, conhecida também como “a Cidade da Luz”, foi chamada

²⁰ A. Grzybowski, *op. cit.*, p. 20.

²¹ *Ibidem*, p. 45.

²² *Ibidem*, p. 48.

²³ J.S. Ciechanowski, *op. cit.*, p. 176.

²⁴ *Catálogo da exposição bibliográfica e iconográfica luso-polaca*, Lisboa 1938.

²⁵ B. Łączkowski, *Zachodnia brama świata*, Warszawa 1939.

“Europe’s bottleneck” e “bottleneck of freedom”²⁶. Hotéis e pensões de Lisboa, Estoril e os arredores, outrora frequentados por escasso número de turistas (atualmente por muitos), encheram-se repentinamente de todos quantos aguardavam a emissão dos vistos, ou dos ansiosos pela obtenção da passagem para a viagem até à América, por mar. Alguns privilegiados viajavam a bordo de aviões *Boeing 314 Clipper* de Pan American Airways que circulavam de Lisboa por Açores até a Nova Iorque. Muitos fugitivos desprovidos de recursos para garantir os custos da viagem, ou sem visto, tentavam chegar a Portugal pela fronteira “verde” com Espanha. Consequentemente, emergiam problemas associados com as condições de habitabilidade com os espaços que serviam de refúgios provisórios e motins nas agências de navegação, então congestionadas²⁷.

Lisboa mobilizava então as atenções da diplomacia europeia: funcionavam e atuavam ali, de uma maneira aberta, representantes e agentes tanto dos países aliados como do eixo. Para esse efeito concorria a localização geográfica, relevante na dimensão terrestre (ali começava, ou terminava, a via férrea do continente), mas também na perspectiva marítima, sendo servida por estruturas portuárias onde se cruzavam rotas do Mar Mediterrâneo e do Oceano Atlântico²⁸. A manutenção da neutralidade portuguesa revelava-se uma tarefa complicada do ponto de vista económico e marítimo (por um lado Portugal disponibilizou os Açores, ilhas de importância estratégica, aos aliados, e por outro, florescia o comércio, nomeadamente de volfrâmio, com o Terceiro Reich). Os agentes de ambos os blocos vigiavam atentamente as ações dos seus antagonistas sob o controlo da PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado). Vivia-se numa constante incerteza, ouviam-se repetidamente rumores sobre a possível agressão do Terceiro Reich que suscitavam ansiedade entre os refugiados e a população do país. Salazar, receoso pelo agravamento das relações com os alemães, tentava limitar o número dos estrangeiros que afluíam a Portugal e restringir a obtenção de vistos, sobretudo por indivíduos judeus: segundo a Circular 14, de 11 de Novembro de 1939, a emissão do documento dependia do consentimento direto das autoridades em Lisboa. Porém, pelo menos, uma vez deparou-se com insubordinação. Tratou-se do caso famoso de Aristides de Sousa Mendes, um dos Justos entre as Nações do Mundo, então cônsul português em Bordeaux, que afirmou preferir “estar com Deus contra os homens do que com os homens contra Deus”²⁹. Estima-se que, em junho de 1940, emitiu vistos a milhares de pessoas, dos quais 3900 foram identificados por Aristides de Sousa Mendes Foundation³⁰. Entre eles encontravam-se polacos, como Julian Tuwim

²⁶ William D. Bayles, “Lisbon. Europe’s Bottleneck”, in *Life*, 28 de Abril de 1941, p. 77.

²⁷ N. Lochery, *Lizbona. Miasto Światła w cieniu wojny 1939–1945*, Warszawa 2015, p. 108.

²⁸ *Ibidem*, p. 19.

²⁹ I. Klementowska, “Dni, w których osiwił konsul Mendes”, in *Samotność Portugalczyka*, Wołowiec 2014, p. 152.

³⁰ Sousa Mendes Visa Recipients, disponível em: <http://sousamendesfoundation.org/visa-recipients/> [07-09-2020].

e a família dele³¹. Infelizmente, nem todos conseguiram atravessar a fronteira. Segundo os dados da PVDE, em todo o ano de 1940 chegaram a Portugal 43540 pessoas e 36579 abandonaram o país³². Independentemente da guerra que assolava maior parte da Europa, em 1940 Lisboa projetava-se com a Exposição do Mundo Português, acontecimento preparado com solenidade que visava comemorar os mais importantes acontecimentos da história de Portugal.

O centro da vida social de lisboetas e de refugiados eram frequentemente os cafés, sobretudo os da Avenida da Liberdade (entre outros *Chave d'Ouro* e *Café Lisboa*), situados perto de embaixadas e consulados (cada vez mais congestionados). Ali muitas pessoas só podiam esperar de braços cruzados por bilhetes, cuja obtenção sofria múltiplos adiamentos e, por extensão, sucessivos encarecimentos. Passavam então dias inteiros a acompanhar as notícias e a conversar (em voz baixa, já que as escutas eram uma constante). Antes da guerra, dominava quase exclusivamente o português, porém, em 1940, praticamente todas as línguas europeias estavam presentes no espaço público lisboeta. Arthur Koestler, autor da obra *Chegada e partida*³³ (*Arrival and Departure*), apresentava Portugal naquele livro sob o nome *Neutralia*. Designava Lisboa a “última porta aberta do campo de concentração” que ocupava a maioria do continente e reparou que entre as pessoas que chegaram ali estavam representantes de praticamente todas as nações, religiões e frações políticas³⁴. As pessoas perseguidas por quaisquer motivos não tinham, em princípio, nada em comum, porém partilhavam o mesmo tempo e o mesmo espaço, unidas pela necessidade de esperar e pela vontade de atravessar o Oceano. Comumente, os refugiados conviviam uns com os outros, menos com os portugueses, diferenciando-se deles pelos costumes, padrões de conduta e pelo modo de vestir, particularmente visível no caso das mulheres³⁵. No Natal de 1940, Antoine de Saint-Exupéry passou por Lisboa, no trajeto para os Estados Unidos da América e, no princípio da sua *Carta a um refém*, descreveu a cidade como paraíso triste e tranquilo, a lembrar uma mãe que, sem notícias do filho que luta na frente de combate, tenta salvá-lo com a sua fé e com o seu sorriso pálido³⁶.

Este período da história de Lisboa tem sido abundantemente retratado por múltiplas formas: romance, testemunho biográfico e cinematografia. O exemplo mais famoso é o filme *Casablanca*, no qual Lisboa é denominada por um dos protagonistas “o navio para a América”. Já todos quantos atuavam então na capital portuguesa, chamavam-na “a segunda Casablanca”³⁷ e a este espí-

³¹ R. Afonso, R. Górczyńska, “Julian Tuwim i jego portugalski dobroczyńca”, in *Zeszyty Literackie*, 2015, ano 33, n.º 3, p. 190.

³² N. Lochery, *op. cit.*, p. 54.

³³ A. Koestler, *Chegada e partida*, São Paulo 2000.

³⁴ *Ibidem*, p. 51.

³⁵ *Ibidem*, p. 50.

³⁶ A. de Saint-Exupéry, *Carta a um refém*, Lisboa 2015.

³⁷ N. Lochery, *op. cit.*, s. 7.

rito evoca o livro *Enquanto Salazar dormia* de Domingos Amaral³⁸. A Lisboa dos tempos da Segunda Guerra Mundial constitui igualmente o cenário principal do livro *Uma noite em Lisboa*³⁹ de Erich Maria Remarque (naquele período, o próprio autor esteve na capital portuguesa). Outro exemplo é um dos episódios da série *Ventos da guerra* que retrata uma cena evocativa do ambiente de Lisboa nos princípios dos anos 40: duas personagens que aguardavam o trânsito para América (uma mulher judia e um soldado norte-americano), encontram-se numa tasca a ouvir Fado, interrompido por *O sole mio* entoado pelos alemães sentados à mesa vizinha, os quais, descoberta a identidade do casal, obrigam-nos a fugir. Outra canção, desta vez contemporânea, que podia servir de banda sonora para o trânsito de tantas pessoas por Lisboa, é *Canto dos Emigrantes (Eles)* sobre os que partem, novos e velhos, que um dia virão, ou não⁴⁰.

3. Desespero e esperança: a presença dos refugiados polacos em Portugal e os seus relatos

No início da guerra, estima-se que a população de origem polaca residente em Portugal fosse aproximadamente de 500 pessoas; porém, entre 1939-1945, este universo ascendia com a chegada de 12 a 13 mil refugiados da Polónia⁴¹. Entre eles, encontravam-se os membros de organizações polacas e os funcionários do governo no exílio, emissários, diplomatas, escritores, poetas, engenheiros, músicos, artistas plásticos, jornalistas (já que um dos propósitos do Terceiro Reich era o extermínio da elite polaca), judeus e pessoas de origem judaica, que eram especialmente perseguidas. Após a obtenção do visto, da carta de recomendação ou declaração para viajar pela fora da Europa, como tantos outros emigrantes aguardavam os bilhetes e a possibilidade de retomar a viagem. As autoridades portuguesas aceitavam a estadia temporária dos refugiados polacos de acordo com algumas condições, e muitos eram acolhidos pelos portugueses, frequentemente anónimos, com hospitalidade. Nesse espírito, publicou-se nos últimos anos o livro *Portugal, obrigado! Os refugiados polacos, civis e militares, nos confins da Europa Ocidental nos anos de 1940-1945* com o objetivo de agradecer e reavivar a memória desse episódio de história de ambos os países.

Em Portugal, funcionavam organizações e comités de apoio aos refugiados e a infraestrutura turística existente adaptou-se às necessidades do acolhimento provisório. Para além de Lisboa, os recém-chegados foram encaminhados para outras localidades como o Porto, Ericeira, Caldas da Rainha, Curia e Figueira

³⁸ D. Amaral, *Enquanto Salazar dormia*, Lisboa 2006.

³⁹ E.M. Remarque, *Uma noite em Lisboa*, Lisboa 2010.

⁴⁰ Letra e música: Manuel Freire, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pewO-aY3fITs> [07-09-2020].

⁴¹ J.S. Ciechanowski, *op. cit.*, p. 19.

da Foz, onde funcionava comité português de proteção aos emigrantes polacos responsável pelo realojamento⁴². Pelo lado polaco, em Lisboa funcionava Comité de Auxílio aos Refugiados Polacos (com uma filial em Figueira da Foz na *Tabaqueira Habana*), Cruz Vermelha Polaca e, a partir de 1941, a Delegação Europeia do Conselho da Comunidade Polaca na América que prestava ajuda aos refugiados e oferecia-lhes subsídios⁴³. Os problemas comuns fundavam-se nas despesas crescentes com os custos de sustento, a obtenção dos vistos para sair do país e a necessidade de cumprir a norma imposta pelas autoridades portuguesas (a correlação entre entradas e saídas do espaço nacional).

O Comité empreendeu a criação de um serviço de encomendas enviadas para a Polónia ocupada, na qual estavam envolvidos tanto refugiados polacos como pessoal local português (nomeadamente funcionários de postos de correio). Estima-se que o Comité remeteu 600 mil de encomendas. Normalmente eram enviadas para territórios polacos ocupados pelo Terceiro Reich (infelizmente uma parte delas foi roubada pelos alemães), já que a probabilidade de chegarem à zona de influência soviética era quase nula. Alguns destinatários respondiam a Lisboa com cartas comoventes de agradecimento, que muitas vezes constituíam as únicas provas da vida para as famílias respetivas no exílio⁴⁴. No seio daquela organização, prestavam ajuda também os médicos portugueses, dos quais vale a pena destacar Adelaide Constantino. O Comité, afeto ao Ministério do Trabalho e da Assistência Social do Governo da Polónia no Exílio, foi chefiado por Stanisław Schimitzek nos anos de 1940-1944. As suas recordações foram publicadas no livro *Na krawędzi Europy. Wspomnienia polsko-portugalskie 1939-1946 (À margem da Europa. As recordações polaco-portuguesas 1939-1946)*⁴⁵, um manancial de observações sobre a sua estadia em Portugal, descrições da situação do país e relatórios sobre funcionamento do Comité e da legação polaca. Segundo explicava, em 1940, a missão da Polónia em Lisboa, uma pequena delegação antes da guerra, transformou-se na maior representação do país na Europa Ocidental⁴⁶. Isso aconteceu apesar de as autoridades portuguesas terem sido pressionadas pelos alemães para encerrar a Legação da Polónia⁴⁷.

Durante aquele tempo, os refugiados tentavam levar uma vida normal. Em Lisboa, junto ao Comité, funcionava um clube cultural e uma cantina. Na Figueira da Foz, em 1940, até teve lugar concerto do pianista Witold Małcużyński⁴⁸. Organizava-se também encontros, por exemplo na época de Natal. Das memórias materiais dos refugiados restam fotografias, cartas, relatos e transcrições de entrevistas, alguns deles publicados anos mais tarde. Muitas dessas pessoas

⁴² *Ibidem*, p. 271.

⁴³ *Ibidem*, p. 205.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 319

⁴⁵ S. Schimitzek, *Na krawędzi Europy. Wspomnienia polsko-portugalskie 1939-1946*, Warszawa 1970.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 214.

⁴⁷ J.S. Ciechanowski, *op. cit.*, p. 205.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 271.

conseguiram fugir às repressões e podiam sentir-se relativamente seguras; porém, sem nunca esquecer os efeitos violentos da guerra nos seus compatriotas e famílias. A incapacidade de atuar perante conflito resultava assim em frustração e desespero. No âmbito deste artigo é impossível apresentar a resenha de histórias individuais de todos os polacos que passaram por Lisboa naquele tempo, motivo pelo qual descreveremos vários casos inscritos na tendência geral de emigração temporária com paragem em Portugal nos tempos da Segunda Guerra Mundial. Entre as personagens conhecidas, mencionamos Ignacy Jan Paderewski, pianista e político, Rafał Malczewski, pintor, Jan Lechoń e Julian Tuwim, escritores e poetas, Irena Eichlerówna, atriz, Edward Raczyński, então chefe do MNE polaco, depois presidente no exílio.

Um episódio particular da presença de polacos em Portugal consistiu na evacuação dos militares que se encontravam em França para a Inglaterra, uma transferência de 5,5 mil soldados através do território português⁴⁹. Antes de se deslocarem a Grã-Bretanha foram transferidos para um abrigo em Oeiras⁵⁰. Dos generais mais destacados que então atravessaram Portugal mencionamos Józef Haller e Władysław Anders. Por outro lado, saliente-se Napoleon Segieda, a quem se deveu um conjunto de indicações sobre o percurso para Portugal através de Espanha, o resultado da experiência própria. Antes de chegar a Lisboa vivera uma verdadeira odisseia, logrando fugir de um campo alemão até vir para Portugal numa bicicleta passando por Suíça, onde foi preso por viajar sem documentos, França e Espanha⁵¹. Mencionamos ainda o papel de Wanda Tozer, uma funcionária do consulado honorário polaco em Barcelona, que também foi transferida para o abrigo em Oeiras para evitar as perseguições da Gestapo em 1942⁵². Como reparava, em carta, um dos oficiais dos serviços secretos militares polacos em Lisboa, ninguém esperava que Lisboa se tornasse o principal centro de trabalho dos serviços secretos da Segunda Guerra Mundial⁵³. Um deles era a organização polaca denominada Centro de Contacto com o Continente, cuja ação mais importante em Portugal consistiu na Operação *Trójnóg (Tripé)*, que tinha como objetivo convencer representantes da Roménia, Hungria e Itália a unirem-se aos aliados⁵⁴.

Outras pessoas cujo itinerário incluiu Lisboa foram Maria Danilewicz Zielińska, já mencionada, e o seu marido Ludomir Danilewicz, colaborador dos criptoanalistas polacos que decifraram o Enigma em 1932. Em Julho de 1939, as autoridades polacas partilharam o segredo com os aliados ocidentais. Meses depois, após o início da guerra, o casal Danilewicz ficou em perigo

⁴⁹ *Ibidem*, p. 309.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ A. Grzybowski, *op. cit.*, p. 192.

⁵² J.S. Ciechanowski, *op. cit.*, p. 306.

⁵³ *Ibidem*, p. 37.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 348.

e recebeu ordem de evacuação da Polónia. O seu percurso contemplou a Roménia, Jugoslávia, Itália e França. Em 1940, após o ataque do Terceiro Reich e a capitulação da França, foram obrigados a fugir de Paris para Nice, onde conheceram outros emigrantes polacos, nomeadamente Józef Wittlin e Kazimierz Wierzyński, escritores e poetas daquela época. Finalmente, o casal chegou a Lisboa, cidade que representava para eles e muitos outros polacos a última etapa no caminho para Londres, onde se formou governo no exílio. Durante a estadia de vários meses em Lisboa, à espera da passagem, Maria trabalhou no Comité de Auxílio aos Refugiados Polacos em Portugal (entre outras pessoas envolvidas nesta organização podemos mencionar Wiktoria Żukowska, que depois da guerra emigrou de Lisboa para Congo Belga) e no departamento da imprensa da Legação da Polónia em Portugal. Na entrevista publicada em forma do livro intitulado *Fado o moim życiu (Fado sobre a minha vida)*, Maria apresentou a Lisboa da época:

Lisboa, capital dum país neutro, experienciava então um tempo de florescimento artificial: cruzavam-se aqui os interesses dos aliados, do nazismo e da América. Nos quiosques, ao lado das revistas portuguesas, encontrava-se a imprensa americana, inglesa, francesa e alemã, incluindo a germanófona, proveniente da Polónia ocupada. Nos cafés, nas mesas vizinhas os representantes de ambos os lados do conflito comentavam a situação. A Legação comprava em Lisboa as revistas polacas, mandava-as para o governo polaco no exílio em Londres e intermediava na troca de correspondência com o país. Por Portugal passavam multidões de refugiados no caminho para os países do mundo livre e Inglaterra que estava em luta⁵⁵.

Assim era também no caso da autora do testemunho: em 1943 o casal chegou a Londres, onde Ludomir se uniu às Forças Polacas Aéreas junto à Divisão 304 e Maria começou a trabalhar no Fundo da Cultura Nacional e conforme a sua dedicação aos livros, encarregou-se da Biblioteca Polaca, que reunia livros escritos na emigração, e dum programa na Rádio Europa Livre. Após a morte de Ludomir, em 1971, decidiu voltar para Portugal onde passou os últimos 30 anos de vida, e em 1973, voltou a casar com Adam Zieliński, publicista, jurista e diplomata por profissão; colecionista e conhecedor das relações luso-polacas por paixão. Ao contrário da maioria dos emigrantes daquele tempo, ele ficou em Portugal depois da guerra e reuniu, a partir das pesquisas nos antiquários portugueses, uma coleção impressionante de mapas, manuscritos, livros e outros objetos relacionados com a Polónia. Estava ligado com a Universidade de Coimbra, onde cooperava com professor Luís Fernando. As coleções de Adam Zieliński, conforme o testamento, foram trasladadas ao Castelo Real de Varsóvia e os livros (mais de trezentos) foram entregues à Biblioteca Jaguelónica de Cracóvia. Para assinalar a sua morte, a Biblioteca Nacional de Portugal, instituição de que era um visitante frequente, organizou exposição *Imagem da Polónia*. Maria

⁵⁵ M. Danilewicz Zielińska, W. Paźniewski, *op. cit.*, p. 44; tradução minha.

Danilewicz-Zielińska, por sua vez, reuniu uma coleção de livros, infelizmente destruída no incêndio em 2001.

A presença de refugiados da Polónia durante a Segunda Guerra Mundial ecoou também nos trabalhos de escritor português, Joaquim Paço d’Arcos que, nos anos 1936-1960, foi chefe dos Serviços de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal e como sublinhava Maria Danilewicz Zielińska⁵⁶, que o conhecia pessoalmente, mantinha contactos frequentes com os polacos, alguns dos quais vieram a ser amigos. Ela observou também a similitude entre Joaquim Paço d’Arcos e Kazimierz Wierzyński. Uma das novelas de Paço d’Arcos, *Neve sobre o mar*⁵⁷, descreve a história de uma polaca jovem que após escapar dum campo de trabalho soviético viajava no já mencionado avião *Clipper* de Lisboa até a Nova Iorque, com propósito de casar-se com Ferdynand Ossendowski (em novela ele era aviador, mas na realidade este nome e apelido pertenciam ao escritor conhecido na época de entre guerras). Porém, já a bordo do avião, descobria que o namorado dela tinha morrido num desastre aéreo. Podemos assumir que essa história foi inspirada nos acontecimentos da época. Vários polacos surgiam também entre as duzentas personagens inspiradas em pessoas reais da saga do mesmo autor, intitulada *A vida Lisboaeta* que retratava a sociedade urbana da capital de Portugal dos anos 30 aos anos 50⁵⁸. Paço d’Arcos alegrou-se particularmente com a perspetiva da primeira tradução para a língua polaca duma das suas obras *O caminho da culpa*, mas morreu antes da publicação da edição em 1981⁵⁹. Por sua vez, Kazimierz Wierzyński descreveu Lisboa no poema saudosista *Jesień w Lizbonie (Outono em Lisboa)*⁶⁰ como um sítio estranho, onde se sentia como um visitante de outro mundo, cada vez menos percebia todas as pessoas à sua volta e passava as ruas da cidade consciente do facto que pronto iria abandonar esse lugar por um futuro incerto⁶¹.

4. Em direção ao novo mundo

Muitos foram os “últimos navios de esperança”, como são denominados no título da monografia dedicada ao trânsito de refugiados polacos por Lisboa nos anos 1939-1945⁶², a bordo dos quais os emigrantes encaminhavam-se para várias direções, entre outros, para o Brasil. Um dos cruzeiros mais famosos foi o *Angola* (a mesma embarcação na qual Piłsudski viajou para a Madeira), que

⁵⁶ M. Danilewicz Zielińska, *op. cit.*, p. 169.

⁵⁷ J. Paço d’Arcos, *Neve sobre o mar*, Lisboa 1944.

⁵⁸ M. Danilewicz Zielińska, *op. cit.*, pp. 165-166.

⁵⁹ *Ibidem*, pp. 168-169.

⁶⁰ K. Wierzyński, “Wiersze”, in *Wiadomości Polskie, Polityczne i Literackie. Tygodnik / The Polish News Weekly*, Ano III, Nr. 1 (95), Londyn, 4 de Janeiro de 1942, p. 1.

⁶¹ A. Grzybowski, *op. cit.*, p. 399.

⁶² A. Grzybowski, *op. cit.*

saiu de Lisboa em Julho de 1940 com destino ao Rio de Janeiro (via Madeira e São Vicente). A bordo viajaram os escritores Jan Lechoń e Julian Tuwim (que nesse contexto iniciava o seu último poema, *Kwiaty polskie*⁶³). Outro transatlântico de Lisboa para o Brasil foi *Serpa Pinto* e uma das suas passageiras foi Danuta Haczyńska de Nóbrega. Como lembra nas suas memórias⁶⁴, quando estalou a guerra, morava perto de Moscovo, já que os seus pais trabalhavam na Embaixada da Polónia na capital russa. Atravessou vários países da Europa até chegar a Lisboa e partir para o Brasil, onde se instalou com a família. No total, a partir do começo da guerra, aproximadamente 1600 cidadãos polacos desembarcaram no Brasil. Uma parte deles já tinha membros de família nesse país, outros não tiveram apoio, deparando-se muitas vezes com o problema de encontrar trabalho⁶⁵. Porém, a grande maioria conseguiu integrar-se naquele país, unindo-se frequentemente à comunidade polaca no Brasil.

Outras direções mais frequentes dos emigrantes polacos eram a Inglaterra e os Estados Unidos. Para muitos, a emigração foi temporária e voltaram para a Polónia depois da guerra, outros por vários motivos decidiram ficar nos espaços de emigração. Alguns, por não serem bem vistos pelas autoridades da Polónia sob influência da União Soviética, antes da transição democrática em 1989 (e depois disso, o obstáculo para a viagem de regresso foi, em muitos casos, a idade avançada). Para outros, resultava difícil transferir-se outra vez para o outro lado do Atlântico, já que se instalaram em novos lugares com as suas famílias e começaram ali uma vida nova. Só uma parte pequena permaneceu em Portugal, como foi no caso de Adam Zieliński e, depois da sua estadia em Londres, no caso de Maria Danilewicz Zielińska, segundo a qual na Polónia só lhe restavam os cemitérios para visitar. À semelhança do que disse Fernando Pessoa em relação ao idioma português, considerava que a sua pátria verdadeira era a língua polaca⁶⁶. Embora a estadia dos polacos em Portugal no período da Segunda Guerra Mundial em termos gerais não fosse longa, constituiu um episódio na história de ambos os países que marcou a vida de muitas pessoas e deixou vestígios que hoje podemos redescobrir.

Fontes

Estudos

Adam Grzybowski, współpraca Jacek Tebinka, *Na wolność przez Lizbonę: ostatnie okręty polskich nadziei*, Warszawa 2018.

Adolf Pawiński, *Portugalia. Listy z podróży*, Warszawa 1881.

⁶³ J. Tuwim, *Kwiaty polskie*, Wrocław 2005.

⁶⁴ Muzeum Emigracji w Gdyni, Archiwum Emigranta, disponível em: http://archiwumemigranta.pl/en/posluchaj/danuta_haczynska_de_nobrega [07-09-2020].

⁶⁵ A. Grzybowski, *op. cit.*, p. 159.

⁶⁶ M. Danilewicz Zielińska, W. Paźniewski, *op. cit.*, p. 69.

- Aleksander Przedzicki, *Don Sébastien de Portugal. Drame historique en prose en trois actes et cinq tableaux*, Saint-Petersbourg 1836.
- Antoine de Saint-Exupéry, *Carta a um refém*, Lisboa 2015.
- Aristides de Sousa Mendes Foundation, Sousa Mendes Visa Recipients, disponível em: <http://sousamendesfoundation.org/visa-recipients/> [07-09-2020].
- Arthur Koestler, *Chegada e partida*, São Paulo 2000.
- Bohdan Łączkowski, *Zachodnia brama świata*, Warszawa 1939.
- Dominguez Amaral, *Enquanto Salazar dormia*, Lisboa 2006.
- Erich Maria Remarque, *Uma noite em Lisboa*, Lisboa 2010.
- Grupo de Amizade Luso-Polaca, org., *Catálogo da exposição bibliográfica e iconográfica luso-polaca*, Lisboa 1938.
- Henrique de Campos Ferreira Lima, *Relações entre Portugal e a Polónia*, Vila Nova de Famalicão 1934.
- Iza Klementowska, "Dni, w których osiwił konsul Mendes", in *Samotność Portugalczyka*, Wołowiec 2014, pp. 138-152.
- Jan Stanisław Ciechanowski, *Portugalio, dziękujemy! Polscy uchodźcy cywilni i wojskowi na zachodnim krańcu Europy w latach 1940-1945/ Portugal, obrigado! Os refugiados polacos, civis e militares, nos confins da Europa Ocidental nos anos de 1940-1945/ Thank you, Portugal! Polish civilian and military refugees at the western extremity of Europe in the years 1940-1945*, Warszawa 2015.
- Joaquim Paço d'Arcos, *Neve sobre Mar*, Lisboa 1944.
- Julian Tuwim, *Kwiaty polskie*, Wrocław 2005.
- Kazimierz Wierzyński, "Wiersze", in *Wiadomości Polskie, Polityczne i Literackie. Tygodnik / The Polish News Weekly*, Ano III, Nr. 1 (95), Londyn, 4 de Janeiro de 1942, p. 1.
- Luís de Camões, *Luzyada Kamoensa Czyli: Odkrycie Indyy Wschodnich: Poema w Pieśniach Dziesięciu/ Przekładania Jacka Przybylskiego*, Kraków 1790.
- Magdalena Bąk, Lidia Romaniszyn-Ziomek, „Gdzie ziemia się kończy, a morze zaczyna”. *Szkice polsko-portugalskie*, Katowice 2016.
- Maria Danilewicz Zielińska, *Polonica portugalskie*, Warszawa 2005.
- Maria Danilewicz Zielińska, Włodzimierz Paźniewski, *Fado o moim życiu. Rozmowy z Włodzimierzem Paźniewskim*, Toruń 2000.
- Muzeum Emigracji w Gdyni (Museu da Emigração de Gdynia), Archiwum Emigranta (Arquivo do Emigrante), disponível em: http://archiwumemigranta.pl/en/posluchaj/danuta_haczynska_de_nobrega [07-09-2020].
- Neill Lochery, *Lizbona: Miasto Światła w cieniu wojny 1939–1945*, Warszawa 2015.
- Port Gdański*, Gdańsk 1929.
- Rui Afonso, Renata Górczyńska, "Julian Tuwim i jego portugalski dobroczyńca", in *Zeszyty Literackie*, 2015, ano 33, n.º 3, pp. 190-199.
- Stanisław Schimitzek, *Na krawędzi Europy. Wspomnienia polsko-portugalskie 1939–1946*, Warszawa 1970.
- William D. Bayles, "Lisbon. Europe's Bottleneck", in *Life*, 28 de Abril de 1941, pp. 77-86.